

* imprensa e tentativas que fazia de se justificar, escrevendo. Em 1912, conheceu um iniciado alemão, Theodor Reuss, que o acusou de divulgar os segredos do ocultismo. O segredo que Crowley divulgara num de seus livros (chamado *Liber 333, The Book of Lies*) era que o sexo pode ser usado para fins mágicos. Reuss era membro da Ordo Templis Orientis, mencionada num capítulo anterior. Reuss acabou autorizando Crowley a estabelecer-se por conta própria, utilizando o nome da ordem, e Crowley pôs-se a realizar magia sexual com bastante diligência, praticando a sodomia com Victor Neuberg em Paris, em 1913, como parte de uma cerimônia mágica. Também praticou a magia sexual com uma amiga de Isadora Duncan, Mary D'Este Sturgers, tendo eles alugado uma vila na Itália para esse fim. E ainda levou a Moscou uma troupe de moças que compunham um coral — o grupo se chamava Ragged Ragtime Girls —, e teve um caso violento com outra garota — uma “pantera faminta” — que precisava apanhar para se satisfazer. Crowley diz que foi seu primeiro relacionamento desse tipo, mas não foi o último. O sadismo físico era outro gosto que havia adquirido. Abriu um Templo Satânico numa sala de Fullam Road, e um jornalista norte-americano faz referência ao elevado número de discípulas aristocratas que o freqüentavam. Crowley havia limado os dentes caninos, deixando-os bem pontiagudos, e quando encontrava as mulheres costumava dar-lhes o “beijo da serpente”, mordendo-lhe o pulso ou às vezes a garganta com suas presas. Symonds diz ainda que ele tinha o hábito de defecar em tapetes, explicando que seu excremento era sagrado, como o do Dalai Lama.

A Segunda Guerra Mundial o encontrou na Suíça, aos 39 anos. Ele afirma que procurou convencer o governo inglês a dar-lhe um emprego, mas que o rejeitaram. Resolveu ir para os Estados Unidos. Após um ano de diversas atividades mágicas mal-sucedidas, imaginou um novo papel — o irlandês antibritânico. Evidentemente, não era irlandês, nem jamais havia estado na Irlanda. Mas isso não importava. Fez um discurso dirigido às águas, aos pés da estátua da Liberdade, e rasgou seu passaporte britânico — ou, pelo menos, o que ele dizia ser o seu passaporte britânico. Depois disso, começou a redigir artigos de propaganda violenta contra os ingleses, para um jornal chamado *The Fatherland* (com o subtítulo *Fair Play for Germany and Austria-Hungary*). Na autobiografia, explica exultante o motivo de sua atitude: procurava *ajudar* os britânicos, tornando tão absurda sua propaganda contra a Inglaterra que acabaria produzindo efeito contrário ao desejado.

Sir Guy Gaunt, almirante-chefe do Serviço Secreto da Marinha nos Estados Unidos, sem dúvida acertou na mosca quando escreveu para John Symonds: “Penso que o senhor define Crowley com exatidão, ao se referir a ele como um ‘traidor de baixo coturno’. Quanto a suas atividades, creio que se devam em grande parte a um fanático desejo de publicidade

— ele tinha grande ansiedade por manter seu nome antes que o público de certa forma (. . . .)”

Mas isso não explica tudo. Crowley também detestava cada vez mais a Inglaterra, país que o fazia sentir-se no exílio, que recusava dar-lhe reconhecimento de qualquer tipo.

Crowley define o período que passou nos Estados Unidos como uma época de pobreza e humilhação. Humilhado ou não, tudo indica que tenha conseguido viver relativamente bem. Uma notícia num jornal novaiorquino, *The Evening World* (citada por Symonds), fala de um luxuoso estúdio na Washington Square. Não nos esqueçamos de que Crowley sempre foi um especialista em obter dinheiro junto a discípulos. Um autor norte-americano especializado em feitiçaria, William Seabrook, que foi apresentado a Crowley por Frank Harris, diz que Crowley tinha um culto com seguidores e discípulos. E ainda fala de suas cerimônias: “Eram coisas do Santo Graal, em sua maioria. Algumas invocações eram muito bonitas”.

Seabrook, que conhecera Gurdjieff e observara o tremendo poder que dele parecia emanar, comentou que Crowley também era dotado de poderes. E não se deve esquecer esse fato, para contrabalançá-lo com o relato de Symonds, exato porém prolixo, que dá a impressão de que Crowley atingira uma espécie de beco-sem-saída. O que sempre diferenciou Crowley dos discípulos que iam e vinham era uma extraordinária força interior. Foi isso que o preservou do desastre que atingiu tantos deles. Ele era capaz de comer e beber até inchar, e em seguida propositalmente jejuar até conseguir novamente um peso saudável. Seabrook conta uma curiosa história segundo a qual Crowley um dia afirmou que já era tempo de sair de cena e passar quarenta dias e quarenta noites na solidão. Seabrook e alguns outros amigos resolveram financiar-lhe a aventura, pois Crowley não tinha um tostão. Conseguiram-lhe também uma canoa e uma barraca. Quando foram se despedir dele, descobriram que havia gasto o dinheiro todo na compra de cordas e enormes latas de tinta vermelha. Disse-lhes que, como Elias, seria alimentado pelos corvos. Crowley passou os quarenta dias e noites escrevendo em grandes letras vermelhas, nos penhascos a sul de Kingston, as seguintes frases: TODO HOMEM E TODA MULHER É UMA ESTRELA e (inevitavelmente) FAZ O QUE DESEJAS SERÁ A LEI INTEIRA. Sitiantes da vizinhança deram-lhe de comer, presenteando-o periodicamente com ovos, leite e milho doce. Ele voltou para Nova York com aspecto saudável e alegre.

Seabrook conta ainda uma das histórias mais curiosas sobre os poderes de Crowley. Quando disse que obtivera seus poderes pela vigília, Seabrook pediu uma demonstração. Crowley foi com ele até a Quinta Avenida e, num trecho de calçada relativamente deserto, pôs-se a caminhar passo a passo, no mesmo ritmo de um homem que ia passando, indo atrás deste e imitando seu jeito de andar. De repente, Crowley dobrou os joelhos, agachou-se rápido e, numa